

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTORIADIS, C. *A Instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- FREIRE, P. & FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed., 1984.
- JAPIASSÚ, H. *A Pedagogia da incerteza*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- NOTÍCIAS da Federal, Belém, n. 82, 1995.
- TEIXEIRA, M. C. S. *Antropologia, cotidiano e educação*, Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Metafísica Positiva

Armando Avellar
Departamento de Filosofia/CFCH/UFPA

Resumo: O texto versa sobre o conceito bergsoniano de "Metafísica Positiva", nomenclatura destinada a retomar o debate acerca da relação entre o conhecimento metafísico e ciência positiva, o que texto elabora através do conceito de "intuição", entendida como apreensão única dos objetos. O argumento do filósofo é que a ciência, ao descrever o objeto, apenas o circunda, enquanto o alvo da metafísica é a essência do mesmo. A "intuição", como "ato único" é entendida como o modo pelo qual nos é possível uma aproximação maior do objeto de conhecimento. À filosofia caberá a intermediação entre o saber descritivo da ciência e o intuitivo da metafísica, de modo a promover a união de ambos, o que daria lugar a uma "Metafísica Positiva".

Palavras-Chave: metafísica, positivo, intuição, ciência.

Positive Metaphysics

Abstract: This article focuses on the Bergsonian concept of "positive metaphysics", a term utilized in this renewed debate on the relationship between metaphysical knowledge and positivist science; the above term encompasses the concept of "intuition", here understood as ones unique apprehension of objects. In brief, philosophy argues that science, when describing an object describes only its surroundings, whereas the aim of metaphysics is to capture its very essence. "Intuition", as an "unique act", signifies the ways in which it is possible for us to more closely approximate objects as knowledge. To philosophy falls the task of clarifying connections between the descriptive knowledge of science and the intuitive knowledge of metaphysics in such a way as to effect a union between both, thereby leading to the development of "positive metaphysics".

Key Words: positive metaphysics, intuition, science.

Parece esta uma expressão estranha, até mesmo contraditória, considerando as diversas concepções metafísicas e em particular a tradicional. Na verdade, uma expressão peculiar e de forte significação na doutrina bergsoniana. Todavia, parece estranha porque, na metafísica tradicional, o termo positivo se exclui da visão e dimensão que a própria concepção metafísica contém. Primeiro, porque o termo é bastante posterior àquela metafísica, e não só isso: o termo surgiu com Auguste Comte no período em que o conhecimento voltava-se para descrever, de forma precisa, os fenômenos naturais, e não para atuar como fator

de abstração.

A metafísica tradicional limita-se a duas dimensões básicas: “o estudo do ente enquanto ente real” e o aspecto formal que compreende a ontologia, que, por sua vez, constitui uma concepção geral incluindo a Teologia, a Cosmologia e a Psicologia. Vê-se que a metafísica, sob o ponto de vista ontológico, abre duas perspectivas, uma no sentido vertical, intencionando os objetos transcendentais ou sobrenaturais, e a outra no sentido horizontal, imiscuindo-se nos objetos físicos e naturais. Mas esbarra-se num problema fundamental, que é a sua fundamentação. Desta maneira, ela se expõe às mais veementes críticas, como aquelas encontradas em Kant, na *Crítica da Razão Pura*, onde ele demonstra a impossibilidade de juízos sintéticos a priori na metafísica. Donde se conclui que a metafísica não tem suporte para ser uma ciência teórica. Resta-lhe o campo prático, mas, sem o caráter de ciência, constituindo-se uma “realidade moral”. Assim, Kant tenta dar uma solução para o problema da metafísica. Ao negá-la, como ciência, ele a reconstitui como nova possibilidade de indagação, mas de forma complexa sobre o que não nos cabe discorrer no momento.

O fato de Kant ter demonstrado a carência de suporte teórico à metafísica, não significa dizer que ela é impossível. Pelo contrário, a partir de Descartes, a quem se confere o título de ser o pai da Filosofia e das ciências modernas, mesmo considerando que “todo o anterior é puro palpite e esperança” (Gasset, 1989, p. 70), a metafísica é considerada como a raiz da Filosofia (Descartes, 1989, p. 42), nela onde encontraríamos os princípios do conhecimento (Bergson, 1970, p. 41). Daí, ao cuidar da teoria do universo físico, procura Descartes “estabelecer os fundamentos metafísicos e epistemológicos de tal teoria” (Cottingham, 1986, p. 114). Bergson também critica a Metafísica tradicional; revela, inclusive, sua inutilidade na forma como se propõe investigar e servir de suporte para um conhecimento verdadeiro e preciso.

Apesar disso, reconhece sua importância e necessidade na área do conhecimento, seja filosófico, seja científico. É com este objetivo que apresenta uma nova face e conteúdo da Metafísica, com o título de *Metafísica Positiva*. A crítica firma-se na medida em que exige da Metafísica uma investigação com base na Intuição e não nos conceitos ou idéias. Diz ele: “Ou a Metafísica é apenas este jogo de idéias, ou, é uma séria ocupação do espírito, é preciso que trans-

cenda os conceitos para chegar à Intuição” (Bergson, 1970, p. 1401).

Bergson procura não apenas fundamentar as investigações metafísicas mas estabelecer uma relação com as ciências, ditas positivas. “A ciência e a metafísica se encontram, pois, na intuição. Uma filosofia verdadeiramente intuitiva realizará a união tão desejada entre Metafísica e Ciência. Ao mesmo tempo que constituiria a Metafísica como ciência positiva - isto é progressiva e, indefinidamente, susceptível de aperfeiçoamento -, levaria as ciências positivas propriamente ditas a tomar consciência de seu verdadeiro alcance, freqüentemente muito superior ao que elas imaginam. Colocaria mais ciência na Metafísica e mais Metafísica na Ciência” (Bergson, 1970, p. 1421).

Diante da citação anterior, resta-nos esclarecer, à luz da doutrina de Bergson, como se dá o encontro de Ciência e Metafísica. Assim como Descartes pretendia construir uma ciência geral que permitisse a prática do conhecimento, em especial da natureza, de forma clara e distinta, do mesmo modo Bergson procurava construir uma Ciência (metafísica) que lhe permitisse conhecer com profundidade e precisão (Bergson, 1970, p. 1253) a vida. O conhecimento profundo significa dizer um conhecimento que atinja a essência do objeto; um conhecimento preciso porque não se trata de um conhecimento universal, aproximado, relativo, mas de um conhecimento, embora não definitivo, todavia correspondente ao interior, à essência do objeto. O caráter interior tem uma conotação transcendental, superior, porque não pode ser alcançado pelos sentidos nem pela inteligência - é a ordem metafísica. Mas esse interior, é interior de alguma coisa existente. Ele implica portanto, numa imanência, numa relação com a existência e temporalidade. Portanto, o conhecimento segue a trajetória *ab exterioribus ad interiora*, da superfície para o centro. Há uma implicação, segundo Bergson, entre o aspecto superior transcendental e o aspecto interior, imanente; entre o interno e o externo; entre a subida e a descida; entre o obscuro e o revelado.

Para Vialatoux (1975):

A nossa consciência está, por assim dizer, em tensão entre duas inconsciências. Há uma inconsciência interior, a dos instintos obscuros, a daquele ‘inconsciente’ que a psicanálise explora, e cuja ‘revelação’ é trazida à consciência pelo diagnóstico psicanalítico. Há também uma inconsciência do alto, a da intenção obscuramente presente em nós, no termo inicial,

para uma transcendência espiritual e externa, cuja análise transcendental - esta análise que Husserl chama 'intencional' - se acompanha por uma tomada de consciência progressivamente intuitiva, por uma 'intuição reflexiva' (p. 93).

Há uma implicação do interior para o exterior, ou seja, "um envolvimento" (p. 87), como a intuição contém a análise mas jamais a análise contém a intuição. Le Senne observa que o termo "implicar possui um sentido duplo. Pode significar conter; pode significar também chamar" (p. 88). Exemplifica: 3 implica 2; no sentido em que 3 contém 2; e 3 implica 4, no sentido em que chama 4, que o contém. A análise implica a intuição no sentido de chamar a intuição. Pois quase sempre toda pesquisa científica culmina num ato intuitivo, simples, uno como resultado da busca empreendida. A intuição contém a análise como a essência contém os acidentes. Concluimos com Bergson: "da intuição podemos passar à análise, mas não da análise à intuição" (p. 1413).

Há, portanto, dois níveis de conhecimento, que, aliás, podem se encontrar na Filosofia (p. 1424).

Não haveria lugar para duas maneiras de conhecer, Filosofia e Ciência, se a experiência não se apresentasse a nós sob dois aspectos diferentes, de um lado sob forma de fatos, que se justapõem a fatos, que quase se repetem, que se medem uns pelos outros, que se desenvolvem, enfim, no sentido da multiplicidade distinta e da espacialidade; de outro lado, sob a forma de uma penetração recíproca que é pura duração, refratária à lei e à medida (p. 1361).

Bergson trabalhou bastante no sentido de promover esse encontro, que só pode ser efetivado pela intuição - "A Ciência e a Metafísica se encontram na intuição" (p. 1424). Esses níveis são o intuitivo e o analítico, que correspondem respectivamente ao conhecimento absoluto e ao relativo (pp. 1392-1393). O conhecimento absoluto ou intuitivo é aquele que atinge o objeto na sua originalidade, na sua essência; o relativo não tem essa propriedade, mantém-se na superfície do objeto, e o que conhece deste é por via indireta, por representação ou símbolo.

Portanto, o conhecimento intuitivo é o conhecimento da mobilidade porque "coincide" com o objeto que conhece por análise, ou seja, através do discurso, dos conceitos, dos símbolos, fica distante e, por conseguinte, com o risco de declarar o que, na verdade, não cor-

responde ao objeto porque "o conceito generaliza ao mesmo tempo que abstrai" (p. 1400). Ora, esta generalidade permite escapar o que há de singular, próprio do objeto, favorecendo apenas um jogo de "comparação" (p. 1400) entre os objetos do mesmo gênero. Daí,

quanto mais podem as idéias abstratas prestar serviço à análise, isto é, a um estado científico do objeto em suas relações com todos os outros, tanto mais incapazes são de substituir a intuição, isto é, a investigação metafísica do objeto no que ele tem de essencial e próprio (p. 1400).

Por esta razão é que Bergson afirma que o empirismo e o racionalismo são vítimas de uma visão no sentido de pensar que são capazes de reconstituir o objeto como é, na sua originalidade (p. 1406). "Uns e outros tomaram as notações parciais por partes reais, confundindo assim o ponto de vista da análise com a intuição, a ciência com a metafísica" (p. 1405). Por isso, Bergson atribui à intuição confusa o aparecimento dos equívocos da ciência (p. 1406). São dois níveis de conhecimento que, embora convirjam para a mesma realidade, têm forma e métodos diferentes.

A intuição se inclina, através de atos simples, para a realidade enquanto mobilidade; a inteligência inclina-se, através da análise, para a realidade enquanto matéria inerte ou imobilidade. Portanto, os modos de conceber são, essencialmente, diferentes. Enquanto um acompanha e identifica-se com o objeto nas suas mutações contínuas, o outro não acompanha o objeto nem se identifica com ele e dele tem uma visão descontínua porque sua visão é sempre da exterioridade, onde as coisas se justapõem.

Mas a intuição ou metafísica não exclui a análise ou a ciência. Pelo contrário, "a Metafísica não pode dispensar as outras ciências" (p. 1401). Estas, como já vimos, cuidam, em geral, da realidade enquanto matéria - e a matéria, além de ser o maior estímulo ao espírito (p. 703), é o instrumento sem o qual não haveria metafísica, pois, como afirma Bergson, é "pela força dos conhecimentos materiais" (p. 1432) que se alcança a intuição metafísica. Na verdade, "tem a matéria a mesma origem da vida" (Avellar, 1982, p. 63). Portanto, "pensar a matéria é pensar indiretamente a vida" (p. 63). Mas Bergson privilegia, sem ignorar outro caminho, o caminho da intuição, não só porque é mais adequado ao objeto do espírito como é a única faculdade que oferece um conhecimento preciso. Por esta razão é que o mesmo autor repete,

com freqüência em sua doutrina, que “a metafísica tende a dispensar os símbolos”.

A precisão do conhecimento não pode ser medida, observada, nem estar sujeita à lei dos fenômenos naturais, porque limita-se aos critérios da experiência interior. Mesmo porque qualquer outra ciência não tem condições e competência para acompanhar o ato de conhecer ao nível da duração, onde encontramos a pura mobilidade e isto só é possível da consciência.

Quando Bergson afirma que “a Metafísica tende a dispensar os símbolos” (p. 1396) ou que “é preciso que transcenda os conceitos para chegar à intuição” (p. 1401), tem em vista um conhecimento original no sentido de atingir a essência de um determinado objeto como ele é ou está sendo. Como o objeto não se apresenta de forma estática mas dinâmica e a intuição tem competência e, somente ela, de acompanhar essa mobilidade contínua do objeto, o que é intuído pode ser completado por outra intuição. Portanto, “a intuição de atos, todos, sem dúvida, do mesmo gênero, mas cada um de uma espécie bem particular, e como esta diversidade de atos corresponde a todos os graus do ser” (p. 1416), trata-se de uma “experiência integral”.

Se a intuição bergsoniana diz respeito à experiência vivida a partir dos fatos, não poderia fugir dos conceitos. A Metafísica tem conceitos, mas não são fixos, são “representações” flexíveis, móveis, quase fluídas, sempre prontas a se moldarem sobre as formas fugitivas da intuição” (p. 1402). Portanto, “nossa intuição é reflexiva”, (p. 1328) diz Bergson, que significa dizer que ela não pode ser confundida com instinto nem com sentimentos. É um termo cujo significado Bergson temia que fosse entendido de maneira vulgar, por isso hesitou muito em usá-lo mas não encontrou outro melhor.

Essa experiência, embora circunscrita ao interior, implica uma simpatia com as coisas exteriores, através das quais a consciência dura de maneira contínua moldando-se aos objetos concretos. A simpatia dispensa mediações ou conceitos mas não rejeita, de modo absoluto, as imagens, porque estas, como conjunto, podem insinuar intuição. Cada imagem tem uma vantagem: “ela nos mantém no concreto” (p. 1399). A experiência interior depende, de um certo modo, das coisas exteriores, faz-nos entender a razão pela qual Bergson considera “o empirismo verdadeiro (é) aquele que se propõe apegar-se o mais possível ao original, mesmo aprofundar-lhe a vida e, por uma espécie de ausculta-

ção espiritual, sentir palpitar sua alma; e este empirismo verdadeiro é a verdadeira metafísica” (p. 1408).

Finalmente, concluímos que a Metafísica Positiva propõe-se a transitar entre os pólos da realidade, ou seja, espírito e matéria, de uma forma dinâmica que permite termos uma visão múltipla como de unidade do ser. “Entre estes dois limites extremos se move a intuição e este movimento é a própria metafísica” (p. 1419). Esse movimento que, no fundo, é o mesmo que duração, pode ser considerado sob o aspecto exterior (duração concreta) e sob o aspecto interior (duração pura). Sob o aspecto exterior, que corresponde ao campo das ciências, temos o entendimento de que, ao trabalhar com “conceitos de relações” (p. 1427) desemboca no simbolismo científico; sob o aspecto interior, o espírito (intuição) opera sobre conceitos de coisas, “desemboca no simbolismo metafísico” (p. 1427). Mas resta uma dificuldade: como traduzir os símbolos metafísicos?

Contudo, a duração, que somente pode ser compreendida pela intuição, coloca-nos ao alcance de dois níveis do ser: o nível do espírito e o nível da matéria.

A intuição de nossa duração, bem longe de deixar-nos suspensos no vazio como o faria a pura análise, nos põe em contato com toda uma continuidade de durações que devemos tentar seguir, seja para baixo, seja para o alto nos dois casos podemos nos dilatar indefinidamente por um esforço cada vez mais violento, nos dois casos nós nos transcendemos a nós mesmos. No primeiro, vamos em direção a uma duração cada vez mais distendida, cujas palpitações, mais rápidas do que as nossas, dividindo nossas sensações simples, diluem a qualidade em ‘quantidade’: no limite seria o puro homogêneo, a pura repetição pela qual definimos a materialidade; na outra direção, encontramos uma duração que se contrai, se concentra, se intensifica cada vez mais: no limite seria a eternidade (p. 1419).

Os termos extensão e tensão indicam bem as direções extremas da duração; um indica a matéria e o outro, a vida. A metafísica, que compreende ambos, revela-nos dois modos de eternidade. Um, a eternidade de morte; o outro, a eternidade de vida. A eternidade de morte diz respeito aos conceitos que tendem a tornar como definitivo (conceitos fixos) e que representam a do objeto; a eternidade de vida, não! Diz respeito a um fluxo contínuo de conceitos (conceitos flexíveis ou metafísica).

Quando Bergson fala da necessidade de dispensar ou romper

com os símbolos não quer dizer que os símbolos devem ser eliminados da cultura. Refere-se a um nível mais elevado, o místico, onde, de fato, o homem não precisará mais de símbolos. Estes ficam adequados para uma fase da vida em que o homem precisa de ilusão, por uma questão até de sobrevivência. A ilusão sempre existirá enquanto existência houver, porém seria mais adequado com a idéia de progresso, no sentido bergsoniano, que o homem tivesse consciência do papel da ilusão na vida. Há uma diferença muito grande entre ir ao cemitério, ignorando que lá não existe mais nada ou restos mortais de um ente querido e ir ao cemitério consciente de que se trata de um gesto de amor, de solidariedade, simbólico.

A Metafísica Positiva não só pretende oferecer uma visão abrangente e precisa da realidade como articular as demais ciências, tendo em vista preservar a vida e considerar a matéria como veículo necessário à vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVELLAR, A. R. *Bergson: a mística como inversão do sobrenatural*. São Paulo: CETEC, 1982.
- BERGSON, H. *Oeuvres* [Obras]. Paris: PUF, 1970.
- COTTHINGHAM, J. *A filosofia de Descartes*. Lisboa: Ed. 70, 1986.
- DESCARTES, R. *Princípios da filosofia*. Lisboa: Guimarães Ed., 1989.
- GASSET, O. Y. *Em torno a Galileu*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- VIALATOUX, J. *A intenção filosófica*. Coimbra: Liv. Almedina, 1975.

Prática Pedagógica: Algumas Contribuições da Psicologia Comportamental

João dos Santos Carmo
Departamento de Psicologia
Experimental/CFCH/UFPA

Resumo: O presente artigo objetiva situar algumas questões importantes quanto à prática pedagógica, como planejamento, avaliação, papel do professor e do aluno. Para isso, procura esclarecer qual a posição behaviorista quanto à aprendizagem, visão de homem, educação e, a seguir, discute algumas críticas feitas à abordagem comportamental, refutando-as com base nos princípios behavioristas. Após a fundamentação teórica, são discutidas as implicações para a prática docente, como: formulação de objetivos, adequação de conteúdos, procedimentos e avaliação. Ao final, são sugeridas algumas leituras àqueles que se acharem interessados em aprofundar o tema.

Palavras-Chave: behaviorismo, aprendizagem, relação professor-aluno, prática pedagógica.

The Practice of Teaching: Some Contributions from Behavioral Psychology

Abstract: The aim of this report is to raise some questions regarding teaching practices, including evaluation, planning, and the role of teachers and pupils. An attempt is made to clarify the behaviorist viewpoint on learning, conception of man, and education. Some of the key criticisms leveled against behavioral principles are outlined, and each in turn is refuted. Specific implications of behaviorist applications are pointed out, such as the formulation of objectives, content adequacy, procedures and assessment. Finally some readings are suggested for those interested in pursuing the topic in greater depth.

Key Words: behaviorism, learning, teacher-pupil relationship, teaching practice.

Muitos escritos a respeito da abordagem comportamental, em Psicologia e Educação, iniciam citando as críticas equivocadas feitas àquela abordagem. Esta ainda parece ser uma boa forma de começar um artigo, haja vista o desconhecimento do público em geral e de alguns setores do meio acadêmico, em particular, acerca das contribuições trazidas pelo Behaviorismo ao ensino e à aprendizagem (o Behaviorismo referido aqui e ao longo do texto, é o Behaviorismo Radical ou Skinneriano). O presente texto, longe de ser um escrito técnico,